As Visitas de Fayola

Diz que era uma menina, uma mulher. Mas, não, não e não. Era Fayola.

Pois, vejam só. Era domingo, lembro bem.

Estava Fayola triste, cabisbaixa, um choro só. Farta da vida, de idas, e vindas, da lida, do pó.

Tão desolada Fayola estava que se esquecera quem era.

Tão magoada estava ela... Que, pudera, pudera...

Se esquecera que era feita e coberta por inteiro de cobre em pó.

Ela sempre esquecia quem era ela.

Sem saber que era guardada. De verdade.

Se esquecendo que era guardada de verdade.

Ela sempre esquecia quem era ela.

Ela sempre esquecia que era bem, e, muito bem, guardada.

Ela sempre esquecia quem era ela.

Fayola chorou, chorou, deitou-se, e adormeceu

E sonhou, mesmo sem querer

Sonhou, e se pôs a sonhar

Sonhou que estava dormindo, num leito lindo, lindo e lindo, como os amores...

Num quarto pequeno, colorido, enfeitado de Lua, de estrelas, de luar.

No teto de seu quarto havia véus, de todas, todas, todas as cores. Em sua cama macia, cetins e almofadas rendadas. Um lustre, um abajur, cortinas de carmim.

No ar, um cheiro inebriante de mirra, de lavanda, e também de jasmim.

Estava tranquila, num sono profundo, "merecedor". Quando, de repente, fora acordada por duas vozes de mulher. Ela, como de costume, queria se espreguiçar, pois despertar é mui diferente de acordar. Ela queria com carinho se levantar e se acolher, se abraçar frente ao espelho, antes de abrir com cuidado a porta para quem quer que fosse. Mas, as Duas estavam lá fora, a se queixar, pois com elas, "aquelas" duas vinha muito frio, um vento gélido, uma sensação de morte. Elas não vinham sem nada trazer consigo.

A mulher, mesmo sem querer, se levantou, abriu a porta e as fez entrar. As recebeu contra a sua vontade. Pois há anos elas vinham, se esbaldaram com as dores de Fayola e não queriam partir.



As duas desconhecidas, na verdade, eram bem conhecidas. Uma era chamada Tristeza, e dizia estar farta de ser mal-recebida pelas pessoas, mundo afora. Por mais que fosse bela, alta, grandiosa, era tratada de mau-grado por todos. A segunda irmã, um pouco menor no porte, não era tão bonita quanto Tristeza, mas carregava sutilezas em suas palavras, e isto a tornava imperceptível aos olhos e aos ouvidos. Ela sabia bem como se portar e enganar. Sedutora toda vida.

Uma não vivia sem a outra.

Fayola não, não as queria receber! Insatisfeita por demais, inventou uma desculpa, saiu da casa e correu para o terreiro. Chegando lá, avistou uma grande amiga: uma árvore antiga, querida... que tinha sido plantada por seus Ancestrais. Sussurrou ao oco da Árvore: —- Por favor, Grande Mãe, Mestra minha... que faço eu? Já as deixei entrar. Mas não as quero, Vovó. Não as aguento mais.

A Grande Árvore apenas respondeu: Te assossega. Alguém sempre vem para ajudar. Mas, trate bem, não adianta expulsar.

Então, pela primeira vez, Fayola decidiu se inclinar e de verdade, atender aquilo que Vovó dissera, com afinco. Voltou para casa. Disse às visitas: — Venho já.

Foi para seu pequeno quarto, olhou para o teto e para todas as cores que nele haviam. Abriu a janela, viu que apesar do frio, muito frio, o Sol brilhava e reinava, lá fora. Decidiu se banhar. Se banhou, se perfumou, se enfeitou. Colocou um vestido branco, pulseiras coloridas e flores de cetim em seu cabelo. Não calçou os pés, mas amarrou tiras de renda laranja, lilás e pink em seus tornozelos. As irmãs a aguardavam, sem nada entender.

Fayola decidiu tratá-las bem, e colocou música para dançar. Serviu-lhes vinho de palma, bolinhos de milho e, até, cafuné. Fizeram cócegas umas nas outras, e caíram no chão de tanto rir. Depois de tanto dançar, e sorrir, e brincar... Chegou a hora de se recolher. E Fayola convidou as visitas para, com ela, em seu quarto, se deitar. Dormiram, dormiram, dormiram. Até o Sol. novamente, raiar.

Fayola já estava se acostumando com a presença das irmãs, pois ficaram juntas por três dias, três tardes e três noites. Mas, pela primeira vez, ela não as espantou. Pelo contrário, as quis muito bem.

Quando acordou, e despertou, olhou de um lado, olhou do outro, e percebeu que as duas não estavam. Levantou-se, caminhou até a copa, até a sala, até o quintal. E qual não foi a sua surpresa, ao se deparar com as duas irmãs a aguardando, debaixo da Grande Árvore, com uma peneira grande, uma cuia média e um pilão pequenino nas mãos.

Por sua bondade, generosidade e paciência... decidimos te entregar estes presentes.

Achávamos que você não iria nos querer por perto, pois foi assim mesmo que sempre aconteceu. Mas, por ter mudado o rumo, e entendido que não somos más... achamos por bem ofertar as coisas que temos de melhor em nossos guardados, para você, que merece, sim, o Mundo. E deram-se as mãos, e partiram. E a mulher, pela primeira vez, sorriu ao se despedir das Duas Irmãs.

Neste ínterim, Fayola acordou de seu sonho. Ficou intrigada com tudo que havia visto, ouvido, sentido naquele sonho, que mais parecia um grande devaneio.

Foi até o terreiro, com a ideia e uma vontade enorme de abraçar a Grande Árvore. Fazia tanto tempo...

Abraçou. Encostou o nariz no tronco, acariciou suas nervuras, as folhas, os frutos. Tudo, tudo, tudo... Olhou para a copa, e viu um embrulho branco, tão difícil de pegar, parecia protegido, sei lá... Quem disse que tem de ser sempre fácil? Pegou um banquinho de madeira, se pirulitou por cima dele, e conseguiu, finalmente, pegar o embrulho.

Com muito cuidado, Fayola desembrulhou a trouxa. E qual não foi sua surpresa quando viu o que nela havia... E Vovó, que era Árvore, que era Tempo, que era tudo, lhe segredou:

"Uma peneira grande, para aprender a escolher todas as coisas, na vida...
Uma cuia média, para guardar água boa e beber com paciência...
Um pilão pequeno para pilar sempre e sempre o que for de mais ruim.
E quando tiver virado pó... basta apenas depositar numa árvore novinha, novinha...
E seguir em frente, sem olhar para trás."

Bitta Bardo, Outono de 2025

